

Na greve de Letras nem tudo serão *numerus*

JOÃO ROSA

Primeiro, havia um problema sério a resolver: o da abolição do *numerus clausus* para a admissão ao primeiro ano das faculdades de Letras. Depois, os estudantes mobilizaram-se com formas de luta para o conseguir e, em 7 e 8 passados, no Porto, os seus representantes e os representantes dos conselhos científicos e pedagógicos das faculdades envolvidas chegaram a um acordo formal sobre as negociações a iniciar no sentido da resolução desse problema, uma vez que o ministro concedeu plenos poderes aos representantes daqueles conselhos para passarem então a admitir a inexistência desse *numerus clausus*. Enfim, as negociações começaram e prosseguem normalmente, no âmbito da Universidade, entre conselhos científicos, pedagógicos e directivos, reitores e os representantes dos estudantes. Análises e conversações das quais não se estranha que ainda não tenha resultado em tão poucos dias, decisões finais. O que, aliás, nem é o que é contestado agora pelos estudantes.

Então o que levou os estudantes de Letras a fazer mais dois dias de greve, no princípio da semana, e os levará, amanhã, a ter uma

concentração nacional defronte do MEC?

Pois pasmem, caros leitores, os que ainda conseguem, que foi e é apenas isto, segundo os estudantes de Letras: queriam que o ministro os tivesse recebido num destes dias, só para lhes confirmar que o referido acordo firmado no Porto o foi mesmo a sério, que o que lá se disse que ficava combinado estava mesmo combinado, ou seja: que os representantes dos conselhos científicos e pedagógicos, que lá se comprometeram com os estudantes a negociar a solução pretendida para o problema em causa, estavam mesmo, como disseram, mandatados pelo ministro para o fazer.

E como o ministro entendeu que tinha mais que fazer nestes dias do que perder tempo a confirmar aos meninos que é óbvio que nem ele nem os representantes dos conselhos que estiveram na reunião do Porto são aldrabões ou irresponsáveis (tal como os meninos não devem ser surdos), então os meninos amaram, fizeram birra e de imediato se entregaram ao reinado de mais dois dias de greve às aulas e, amanhã, à folia de mais uma concentração para TV ver, defronte da porta do Ministério. Como quem não quer a coisa...

Isto dito assim, a brincar, com o devido

respeito, até parece que dá para a gente sorrir compreensivamente, em face de mais esta travessura juvenil. Só que o facto de todos termos noção de que há, efectivamente, reais e gravíssimos problemas em todo o sector do Ensino e Educação - designadamente em Letras - e de que tais problemas a todos nos custam muito caro, em impostos, em frustrações pessoais e colectivas e inviabilização do progresso e prosperidade nacional, isto assim visto é que já não dá para a gente achar graça ao capricho dos ditos senhores estudantes.

E, a propósito, não resistimos a chamar à atenção dos nossos estudantes de Letras - a cujos problemas sérios em breve dedicaremos desenvolvida reportagem - para os noticiários matutinos da passada terça-feira, que, de uma assentada, nos informavam do fim de três greves de estudantes em três países em que essa onda tem feito crista: em Espanha (onde aliás, já durava há um mês e com tumultos nos últimos dias), no México e na China.

Não estão os nossos grevistas distraídos e a deixar a sua tempestade (agora já só em copo de água) ser ultrapassada pela bonança que já começou a ser soprada lá das bandas de fora?

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Conflito - estudantes

